

Justificativa

Sou professora de um berçário II na Rede Pública Municipal de Santa Maria – RS. Atendo uma turma de 23 crianças, na faixa etária de um a dois anos de idade, durante nove horas diárias, de segunda a sexta-feira. A escola onde atuo e de onde envio esta “carta” está localizada em uma área em processo de urbanização, onde ocorreu uma ocupação por parte de pessoas “sem teto”, na Região Sul de Santa Maria.

Ela se chama Escola Municipal de Educação Infantil CAIC (Centro de Apoio Integral a Criança) Luizinho de Grandi- Núcleo Infantil, atende aproximadamente 375 crianças de 4 meses a 6 anos, das 8h às 17 horas, distribuídas em 17 turmas que vão do berçário à pré-escola.

A equipe diretiva é composta por diretora: Rosicléia Tironi Dias e vice-diretora: Cláudia Madeira, eleitas pela comunidade escolar, também tem duas coordenadoras pedagógicas: Cleonice Fratton e Jucemara Antunes. Na escola ainda é oferecido atendimento especializado para crianças com deficiências.

A escola é uma das únicas escolas municipais de Educação Infantil planejada somente para atender crianças pequenas e por isso possui uma boa estrutura física, com salas bem arejadas e espaçosas. Todas as salas tem saída direta para a área externa (solários e pracinhas), sendo que as salas das turmas integrais (berçários e maternais) tem condicionares de ar para oferecer maior conforto térmico às crianças.

A turma onde foi realizada a prática educativa que aqui vou contar é a que sou professora regente e na qual são acolhidas 23 crianças, de um a dois anos aproximadamente, em regime integral.

A nossa sala é grande, neste espaço está disposto todo o mobiliário e é onde também acontece a prática pedagógica com as crianças. A sala é provida com sete berços, duas estantes com brinquedos, parcialmente ao alcance das crianças; dois armários para armazenar roupas e materiais, tatames, colchonetes e espelho. O espaço tem dois fraldários divididos por uma pia para a realização da higiene das crianças. Dispõe ainda de uma área externa privativa, solário, onde as crianças realizam atividades recreativas. As crianças do berçário II também fazem as refeições na sala de aula.

Com estas considerações em relação ao contexto onde desenvolvo junto com minhas crianças os projetos desta turma, justifico o que me motiva a buscar práticas que valorizem a diversidade cultural e a singularidade de cada bebê: Uma Educação Infantil mais qualificada por práticas educativas bem planejadas e enriquecidas pelo brincar.

Dedicada em minha prática docente a encontrar com minha turma uma temática para trabalhar com a metodologia de projetos no Berçário II, turno integral, destaco esta prática educativa que vou contar porque acredito que o papel do educador do berçário é mediar aquilo que conhecemos, isto é, sermos ponte para as tradições culturais do nosso grupo de pertinência e, ao mesmo tempo, ponte para abrirmos um novo mundo onde as crianças possam criar e produzir novas experiências e novos saberes evidenciando que o berçário deve ser um lugar onde as crianças não são apenas cuidadas, mas onde se podem desenvolver práticas educativas que levem em conta o interesse de crianças menores de três anos e seu desenvolvimento integral.

Pensar e planejar para este Berçário em que me encontro professora atualmente me faz perceber o quanto os bebês são muito inventivos e participam com criatividade de situações que lhes interessam. O que me levou à construção de um projeto com algo simples e inusitado, como a barraca que um dos bebês, de um ano e seis meses, trouxe um dia para brincar no Berçário II.

A mãe do menino chegou à porta para entregá-lo para mais um dia conosco, e enquanto ele, já havia adentrado na sala correndo para ver o que outras duas crianças, seus colegas, faziam perto dos cavalinhos de gangorra, ela entregou a mochila e a uma espécie de rolo ensacado e falou: *“Profe”, nós trouxemos esta barraquinha porque o Henrique a ganhou da madrinha dele que gosta muito de acampar, mas não tem noção de espaço. Em nossa casa, a barraquinha “não cabe” armada em nenhum lugar. Você poderia montá-la aqui hoje, já que está chovendo e a sala é grande para os coleguinhos brincarem com ele?*

Sorri e aceitei com entusiasmo a sugestão dela para aquele dia de chuva.

Logo após o lanche da manhã, me arrisquei com os bebês e o jovem estagiário Leo, que é escoteiro, a montar com as crianças a tal barraquinha. Neste momento, descobri que crianças bem pequenas concorrem em criatividade para organizar algo em comum em um clima de grande harmonia afetiva, que surpreende – com o subsídio de Leo, um a um dos bebês foi lhe alcançando as peças, panos e fios para deixar em pé o que, as crianças nem imaginavam, mas seria uma barraca.

Lamentavelmente, e apesar de todo o meu esforço, nunca poderei descrever a emoção que suscitou nos bebês a montagem desta. Só posso afirmar que foi emocionante vê-los tão felizes e envolvidos nesta atividade que deu início a uma linda prática educativa.

Objetivos

Realizei desse modo, a construção desta prática educativa, respeitando a contextualização e o modo como se sucederam as brincadeiras a partir do dia que montamos a barraca junto com os bebês, procurando dar sentido aos percursos individuais das crianças e estabelecendo com elas significados sociais no espaço coletivo e institucional onde elas e eu estamos inseridas. Neste projeto foram meus objetivos: - Brincar com as crianças, - Promover o interesse das crianças pelas brincadeiras e pela exploração de diferentes brinquedos. - Experimentar e utilizar os recursos de que dispunha para a satisfação das necessidades essenciais das crianças do berçário a fim de que estas pudessem expressar com mais propriedade seus desejos, sentimentos, vontades e desgostos, - Relacionar-me de forma significativa com todas as crianças, - Realizar pequenas ações cotidianas para que as crianças se desenvolvam com mais autonomia, - Suscitar a participação e o interesse dos bebês em situações que envolvam a relação com o outro, - Motivar o respeito às regras simples de convívio social, - Observar a interação das crianças que conduz a novas aprendizagens, - Criar situações de prazer e ter habilidade ao dirigir a atenção das crianças sobre elementos do mundo externo, estimulando os primeiros comportamentos de exploração e manipulação de objetos, - Realizar, por meio deste projeto, uma mostra de trabalhos das crianças para a Festa da Família promovida pela escola.

Conteúdos Curriculares

Os conteúdos específicos que foram trabalhados para atingir os objetivos propostos foram: No eixo Linguagem Oral e Escrita: Criação de um espaço lúdico para a contação de histórias e ou poesias e para a participação em situações cotidianas nas quais aconteçam interações mediadas pela professora. No eixo Pensamento Lógico-Matemático: Contato com noções das dimensões do que é grande e pequeno. Manipulação e exploração de objetos e brinquedos em situações organizadas onde se pense e se faça experimentações a respeito do que cabe, quantos cabem em materiais diversos como caixas de papelão, bem como a organização e encaixe das peças e acessórios para a montagem da barraca. No eixo Natureza e Sociedade: Participação em atividades que envolvam histórias, brincadeiras e canções que digam respeito às tradições culturais da comunidade das crianças; exploração de diferentes objetos e de suas funções. Conhecimento do próprio corpo por meio do uso e da exploração de habilidades físicas, motoras e perceptivas. No eixo Música: Exploração, expressão de sons com a voz e com o corpo. Participação em situações que integrem músicas, canções e movimentos corporais, bem como a apreciação musical e a escuta de obras musicais variadas. No eixo Artes: Manipulação de materiais como papelão, lápis, tintas e pincéis de diferentes texturas e espessuras, cuidado com o próprio corpo e dos colegas no contato com os suportes e materiais para se fazer arte. Respeito e cuidado com os materiais e com os trabalhos produzidos em grupo, exploração de diferentes movimentos gestuais, visando à produção de marcas gráficas. No eixo do Movimento: Reconhecimento progressivo de segmentos e elementos do próprio corpo por meio da exploração, das brincadeiras, expressão de sensações e ritmos corporais por meios de gestos, posturas e da linguagem oral, exploração de diferentes posturas corporais, como sentar-se em diferentes inclinações, deitar-se em diferentes posições, ampliação progressiva da destreza para

deslocar-se no espaço por meio da possibilidade constante de arrastar-se, engatinhar, rolar, andar, correr, esconder-se e saltar em diversas situações cotidianas.

Metodologia

Ao montarmos com os bebês a barraquinha do Henrique, abriram-se muitas portas para este projeto chamado: “Me descobrimo”, nele descobri como professora que em meu berçário as crianças são protagonistas de suas histórias. Passo a passo assim vou contar como desenvolvi junto com as crianças o projeto.

Antes, então, de montarmos a barraquinha do Henrique, chamei a atenção da turma com uma salva de palmas, e lhes convoquei: *O Henrique trouxe-nos uma surpresa! Quem quer ajudar a professora a descobrir o que será que ele nos trouxe?* Nesse momento todos os bebês ficaram à minha volta muito intrigados, sendo que o Henrique estava nitidamente motivado com o destaque que lhe foi dado.

A arrumação do espaço foi cuidadosamente discutida por nós, educadores (professora e dois estagiários), antes de nos aventurarmos na montagem da barraca. Em primeiro lugar, convidei todas as crianças para sentarem, o que foi atendido pela maioria. Em seguida, perguntei a elas se alguém sabia o que poderia estar naquele saco comprido e estreito, onde estava a barraca. Poucos se arriscaram a adivinhar. Davi, de dois anos, disse que ali estava seu gatinho e Sthefany, de um ano e onze meses, afirmou que ali estava a bolsa da mamãe. Theylor pediu para segurar em sua mão o saco e, em seguida, todos quiseram fazer o mesmo e explorar o peso do saco, sua textura, cores e outras propriedades. Com a permissão do Henrique, que foi preparado pela professora para “emprestar” o que havia trazido de sua casa, principiamos, então, a abertura deste material. As crianças estavam extasiadas e ansiosas para ver o que tinha ali. Nesse sentido Brasil (2012, p. 73), afirma que: O brincar é a coisa mais importante para as crianças, a atividade mais vital, pela qual elas aprendem a dar e receber, a compreender a natureza complexa do ambiente, a solucionar problemas, a relacionar-se com os outros, a ser criativa e imaginativa. Para evitar que se diga: “Ah! Ela está só brincando!” ou “Quando parar de brincar, venha fazer algo mais útil”, é importante criar ambientes estruturados que dão qualidade para o brincar, com a participação da professora e de outras crianças.

Era bonito ver que todas as crianças sorriam, alguns gritavam e faziam expressões de surpresa a cada peça que o Leo ia tirando do saco. Henrique mostrou-se eufórico, sentado do lado de Sophia, de um ano e três meses, juntos começaram a bater palmas e comemorar com vivas o evento.

Demarqueei, então, um bom espaço livre, formando um “limite” com uma “centopeia” bem comprida, confeccionada de tecido e cheia de alças, que usamos para passear pela escola. Nesse espaço livre de brinquedos habituais, iniciei com os pequenos a montagem da barraca com a ajuda de Leo, estagiário do berçário, que ia retirando do saco as peças enquanto eu ia perguntando às crianças o que elas achavam que era cada objeto e para que ele serviria. Leo surpreendeu-me ao convidar as crianças para ajuda-lo a encaixarem as peças. Não havíamos combinado isso. Ele ia comentando com as crianças que necessitava de ajuda, pois era difícil descobrir sozinho o que havia ali no saco. Durante a montagem, vivenciamos momentos muito engraçados como o que Thomaz, de dois anos e 1 mês, experimentou ao ficar todo atrapalhado quando teve de segurar uma das pontinhas da barraca enquanto a outra era encaixada por Leo. Thomaz exclamou: “Uauuuuu”, ao conseguir fazê-lo. Quando uma criança está envolvida na exploração de qualquer objeto ou brinquedo, a criança se esforça, presta atenção e se empenha no que está fazendo, mostrando sua concentração para brincar.

O material exposto era grande o que promovia movimentos de motricidade global. Algumas crianças como a Isabella, de um ano e três meses, e o Arthur, de um ano e dois meses, se alongavam para enfrentar o desafio proposto por Leo. Não demorou muito e a barraquinha começou a tomar forma. Nesse momento, todos estavam envolvidos. Ao terminar a montagem, convidei todos a “aprofundarem-se” naquela experiência tão interessante. Lucas, de dois anos, ficou estupefato apenas olhando no que tinha se transformado o saco estreito e comprido. Ysmael, de um ano e cinco meses, entrou, rapidamente, na barraca, sendo que outros colegas o seguiram. Davi Roberto, de um ano e

quatro meses, e Lucca, da mesma idade, foram rapidamente buscar os livros de história que ficam em uma caixa ao seu alcance para levar para dentro daquele ambiente. Camilli, de um ano e nove meses, pegou três bonecas e uma pequena pá na estante de brinquedos, levando-as para o interior da barraca e dando-lhes comida, Thomaz se juntou com as bonecas de Camilli e também quis provar daquela deliciosa refeição imaginária.

Sei que no meio dessas vivências lúdicas tão ricas que aconteceram naquele dia chuvoso, me ocorreu a ideia de desenvolver este projeto a partir da surpresa e do interesse que a montagem da barraquinha do Henrique havia causado na sala do Berçário. Construí, então, a partir desse evento, um Projeto Pedagógico com as crianças do Berçário II. E vou continuar as histórias desta carta cheia de novidades contando como tudo ocorreu a partir deste dia.

Ao chegar à escola, todos os dias recebia as crianças com brinquedos, saudando-as uma a uma da maneira como gostam de ser acolhidas, e esperava até as nove horas, momento em que elas tomavam seu primeiro lanche. Logo após, organizava o ambiente para montar novamente a barraca do Henrique, também colocava músicas infantis no aparelho de som, observando e documentando com fotografias, bem como, realizando registros dos momentos em que as crianças interagem com este brinquedo que tanto os havia interessado. Sem interferências desnecessárias de nenhum adulto, as crianças do Berçário faziam trocas. Só intervinha nos casos que houvesse riscos para a segurança e a convivência pacífica entre as crianças. Como enfatiza o documento Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil (MEC, 2006, p.15): Crianças expostas a uma gama ampliada de possibilidades interativas têm seu universo pessoal de significados ampliado, desde que se encontrem em contextos coletivos de boa qualidade. Essa afirmativa é considerada válida para todas as crianças, independentemente de sua origem social, pertinência étnico/racial, ou credo, desde que nascerem.

Nessas sessões procurei historiar o brincar das crianças não como uma maneira de ocupar o tempo, mas de registrar efetivamente as linguagens que lhes forneciam elementos de expressão.

E ao contemplar as dimensões do brincar neste Berçário, por meio desta prática educativa, vou continuar a contar esta história partilhando afetos e significados de onde escrevo esta minha carta de Educadora Infantil para os senhores. Planejei sete sessões que aconteceram no espaço de um mês, duração deste projeto: A primeira sessão, embora não planejada, foi a montagem da barraquinha do Henrique, e foi a partir dela que se delinearam as ações seguintes que contaram com o interesse das crianças. A segunda e terceira sessões foram os momentos em que fizemos novamente a montagem da barraca junto com as crianças no ambiente da sua sala e no solário, utilizando música. As crianças ouviram músicas como: *A Casa é Sua* e *A Nossa Casa* de Arnaldo Antunes, canções infantis de *Vinicius de Moraes*, e ainda o repertório dos grupos *Palavra Cantada* e *Pandorga da Lua*. Nessa oportunidade, distribuí os brinquedos da sala para que os utilizassem ali. Nessas sessões, ainda, registrei interações e atividades lúdicas através de fotografias e apontamentos sobre o que falavam as crianças. Na quarta e quinta sessões, distribuí caixas grandes de papelão para que as crianças explorassem este material e fizessem, agora com a ajuda dos adultos de sua turma, suas próprias barracas. Registrei também as falas e fiz fotos das crianças durante as suas interações. A sexta e sétima sessões foram dedicadas às montagens das barracas feitas pelas crianças (caixas) e suas brincadeiras a partir delas e com elas. Nestes momentos as crianças desenharam, pintaram e exploraram texturas. Em todas as sessões procurei promover o brincar dessas crianças, bem como, estimular, a partir da montagem da barraca e das caixas de papelão, as interações entre as crianças.

Para continuar escrevendo esta carta da escola onde atuo e para conhecer melhor as crianças e seus processos de desenvolvimento neste projeto, eu professora, fui pensando as ações observadas durante as sessões, lendo e vendo várias vezes os registros feitos para perceber o seu conteúdo global e preparar melhor os planejamentos seguintes.

Evidenciei que as crianças se organizaram de formas muito variáveis: - As crianças agruparam-se para explorar o objeto desconhecido, nesse caso a barraquinha do Henrique ainda ensacada. Demonstraram este interesse coletivo até descobrirem o que as estava impressionando e gostaram muito de brincar com os adultos, visto que também nós, professora e estagiários, estávamos

sendo desafiados por uma situação nova. - As crianças agruparam-se também a partir de atividades corporais: algumas crianças começaram a andar em meio círculo, de um lado para o outro, quase que se colocando em cima do limite combinado com a professora, com um sentimento de contentamento, para colaborarem com a montagem da barraca. Outras batiam palmas e pulavam, sendo que tal agitação motora demonstrava o quanto a transformação do saco em barraca os estava atraindo. Depois, em um próximo passo do projeto, as crianças começaram a chamar a barraquinha de casa e daí foi oferecido a eles caixas de papelão grandes para que as explorassem e fizessem delas as suas casas e casinhas como a barraquinha do Henrique. Nestes momentos de exploração das caixas, observei que as crianças se organizaram por brincadeiras, como esconde-esconde, pular obstáculos, pintar e desenhar nas caixas e com as caixas. Nesses momentos, uns convidavam os outros a se aproximarem das atividades propostas por meio de olhares, pantomimas, sinais e vocalizações. E os bebês também brincaram sozinhos dentro da barraquinha do Henrique ou mesmo com as caixas de papelão. Esses momentos eram breves, mas muito prazerosos. Todas estas organizações aconteceram predominantemente durante as explorações. Os bebês descobriram-se e se aventuraram neste projeto e foi por isto que o intitulei: “Me descobrimdo”. Penso que é um bom nome para ilustrá-lo, visto que, nele, as crianças do Berçário II foram expostas a uma multiplicidade de desafios.

Descreverei alguns dos desafios acontecidos durante as sessões: Sophia e Arthur ao me verem entrando na barraca e explorando aquele espaço logo entravam também e me ofereciam comidinhas imaginárias. Sophia fazia de conta que esfriava antes de me oferecer algo que ela recomendava: “*come tudo pofe*”. Arthur ria e abria a boca, esperando também a sua colher. Enquanto isto acontecia Jullie, Isadora e Luís, começaram a realizar ações como esta. O que se percebe é que a atividade de Sophia, ao brincar com a professora, interessa várias crianças, que começam a fazer o mesmo. As que agora “imitam” se aproximam de quem teve a iniciativa e juntos continuam respectivamente a mesma atividade. Os olhares e a alegria que trocam indicam igualmente o desejo de realizar atividades juntos.

O brincar agrega, cria elos, favorece relações. Esse grupo de bebês tiveram acesso a uma cultura lúdica por meio de algo que as estimulou estar juntas. Elas escolheram explorar a barraca do Henrique e juntas começaram a chamá-la de casa. Logo, algumas crianças como o Nathan e a Isabella, chamaram a barraquinha de “*minha casa*” e foi aí que parti para o segundo passo na execução do projeto, nessa ocasião, ofereci muitas caixas de papelão grandes e observei o que fariam as crianças com elas. Cada criança se agrupava com outras em uma caixa e nela se escondiam e apareciam. Cantavam e levavam até elas outros brinquedos. Gustavo e Gabriel, gêmeos, de um ano e cinco meses, e Luiza, de dois anos, carregavam sempre para dentro de sua caixa um telefone celular de brinquedo e um teclado de computador inutilizado, de dentro de sua caixa gesticulavam como se estivessem telefonando e diziam alô, despedindo-se brevemente. Manuseavam também os botões do teclado e o trocavam entre si, rindo. Victória e Lucas levavam bonecas e panelinhas para “sua casa” e nanavam as bonecas, dando tapinhas em suas costas e dizendo: “*fecha o olhinho e nana agora, nana, nana, nana...*”. Os jogos simbólicos e brincadeiras constituem-se como passaportes para a construção da subjetividade do bebê, o conhecimento do mundo, a relação com os outros, a experiência de processos internos de prazer e/ou dor e, em definitivo, uma oportunidade para que as crianças possam se desenvolver e viver. Nas caixas as crianças também brincaram de se esconder. Em outras oportunidades transformaram as caixas em túneis e obstáculos de brincadeiras psicomotoras. Dentro delas, ouviram músicas, poesias e desenharam. Durante estes momentos de interação observei que as crianças têm o desejo de se comunicar, de manifestar sua alegria, de estar juntos. O impulso em relação umas às outras acontece das mais diversas maneiras: olhando-se, fazendo mímicas, assumindo posturas corporais diferentes das que já estavam acostumados para explorar as caixas, falando novas palavras, em virtude de estarem envolvidas em uma atividade lúdica que lhes interessou.

Ao brincarem com materiais tão diversos, como caixas de papelão, os bebês sentiram uma necessidade cada vez maior de explorar e experimentar. Organizar assim para as crianças da minha

turma a exploração destas caixas em meio ao projeto permitiu a interação com diversos tipos de outros materiais e brinquedos, bem como. oportunizou o prazer de entrar em um espaço diferente e atrativo. Isso ampliou o inventário de saberes dos bebês no âmbito de suas sensações e percepções. Em alguns momentos, as crianças brincavam sozinhas com as caixas e ou na barraca do Henrique. Nesse contexto, o contato com situações diversas, caixas, brinquedos, a luz do sol, o ar fresco, fazem com que cada bebê interaja nesta instituição de Educação Infantil de forma singular. Busquei estar atenta para perceber as ações e iniciativas dos bebês, como as que relato agora: Primeiro, Nathan vai sentar-se dentro da casinha (modo como chamava a sua caixa). Senta-se e cantarola, batendo alternadamente no corpo com as mãos. Em seguida, levanta-se e grita contente, depois torna a se sentar e novamente cantarola. Segundo, a Giovana que nem sempre dorme após o almoço, enquanto a maioria de seus colegas descansam, algumas vezes ao ficar acordada foi buscar uma caixa e nela sentava-se com um livro de histórias que pedia para eu lhe contar e ali folheava, interpretando-o à sua maneira. Terceiro, Jullie, seguidas vezes, deitava-se sobre a sua casa e ali ficava “conversando com seus botões” sem deixar ninguém chegar perto dela. A valorização da dimensão de que o brinquedo e a brincadeira desenvolvem integralmente as crianças, desde que são bebês, potencializa a aprendizagem, o comportamento, a cognição e a afetividade. As cenas descritas até aqui contribuem para que compreendamos que projetos e brincadeiras na Educação Infantil devem ser associados. E isso implica a necessidade de qualificar os espaços e as atividades nos berçários.

Avaliação

A avaliação aconteceu por meio dos registros feitos pela professora para acompanhar a prática educativa e promoveu junto com as crianças formas específicas destas se expressarem (gestos, falas, balbucios, risos, entonações, movimentos, pinturas, brincadeiras etc.).

Ao interagir com tais possibilidades, os bebês do berçário em que atuo puderam perceber sons, sensações, texturas, formatos, cores, em suas caixas, contemplaram poesias, música, cantaram e pintaram pelo prazer de cantar e pintar. Aprenderam uns com os outros a brincarem em um espaço social de experiências favoráveis à formação de vínculos e construções. As oportunidades de brincar com seus parceiros de idade constituíram-se em um espaço enriquecedor de experiências exploratórias e interativas, configurando-se em uma alavanca de conhecimentos e muito revelador da motivação que a criança possui para brincar.

Do projeto educativo “Me descobrimdo” ilustramos um livro com a poesia: “*A Casa é Sua*” de Arnaldo Antunes e ainda fizemos uma mostra das “nossas casas” na Festa da Família realizada pela escola, no primeiro semestre deste ano. Todos os membros da comunidade escolar se encantaram com as produções das crianças e estas ficaram muito felizes em participar de todo o processo que nos levou a estudar o seguinte problema: É possível trabalhar com a metodologia de projetos no Berçário II criando por meio desta metodologia atividades diversificadas, significativas e lúdicas para os bebês? Com base na alegria das crianças digo que sim, aliás, sim, respondemos todos juntos. É possível realizar projetos lúdicos no berçário e produzir conhecimentos neste espaço.

Auto avaliação

Ao enviar esta “carta” desejo que ela siga o seu destino e encontre os leitores para a qual foi destinada. Os professores da Educação Infantil há anos são lutadores e aprendizes de seu ofício e precisam de ajuda para melhorar sua prática quanto ao “o que” e ao “como” fazer, também precisam de boas leituras e uma formação continuada que valorize o espaço da brincadeira e dos projetos para as crianças pequenas. Despeço-me feliz e atualmente estando em formação num Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil que me fez uma nova professora, sobretudo nos avanços e conquistas revelados em meus estudos e reflexões, tenho certeza que a motivação pessoal que me fez iniciar este caminho para promover práticas pedagógicas mais qualificadas na Educação Infantil me compromete a sempre estar em busca de saberes. Até breve.